

O livro de Ana

Inez Helena Muniz Garcia

Quem conhece a imagem de Sant’Ana sabe que ela traz nas mãos um livro aberto que mostra para a menina, Maria, de pé, ao seu lado. O que está escrito nesse livro é a pergunta para a qual o Bartolomeu Campos de Queirós busca uma resposta. Em narrativa poética, intercalada de diálogos entre Ana e Maria, o autor afirma nunca ter lido o livro de Ana, mas que “pode adivinhar a sua escritura”. Ele, então, incumbe-se de escrevê-lo, dando-lhe justamente o título de *O livro de Ana*, obra publicada pela editora Global em 2009.

“Entre o adeus do sol e o boa-noite da lua, Ana se assentava com o livro aberto sobre os joelhos.” Rico em líricas metáforas e poéticas imagens verbais, que convidam ao silêncio do coração e à contemplação, o livro vai despertando a curiosidade da criança que não sabe ler e que pede à mãe: “Quero escutar o que faz seu coração feliz.”

Marconi Drummond, autor das ilustrações e do projeto gráfico bastante original do livro, faz uso do recurso do corte das páginas em tiras horizontais, “fatiando” as ilustrações, o que permite a combinação e recombinação dos seus fragmentos para a composição de novas formas visuais. O texto literário, sempre apresentado na parte superior da face par das duplas páginas “fatiadas”, mantém sua linearidade, associando-se à multiplicidade de formas visuais conseguidas pela manipulação dos fragmentos. Essas formas compõem a história que a mãe vai revelando à menina, que, aos poucos, vai descobrindo os mistérios do começo dos tempos, quando havia apenas o infinito, em que habitava o princípio e o fim de todas as coisas. Ana revela à Maria que

67



QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **O livro de Ana**. Ilustrações de Marconi Drummond. São Paulo: Global, 2009. 37p.

O livro de Ana

foi Ele quem criou tudo o que existe e que sem Ele coisa alguma poderia ser.

Na medida em que Ana vai lendo para Maria, a menina vai aguçando seu desejo de conhecer mais e, suplicante, pede: “Leia mais, leia mais, Ana.” Maria vai compreendendo o poder que as palavras têm de revelar mistérios. A leitura provoca em Maria desejos de solidão e de afastamento para contemplar com orgulho e respeito o que os seus olhos viam e seu coração pensava – tudo aquilo que por Ele foi criado.

Desejosa de saber a história com seus próprios olhos, a menina, em lampejos de futuro, volta à mãe e exige: “Ana, ensina-me a ler.” A menina, no silêncio do seu coração, entendeu: “Ao ler, também se vê e se escuta.”

SOBRE A AUTORA:

Inez Helena Muniz Garcia é Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante dos grupos de pesquisa/UFF Leitura, Literatura e Saúde (LeLiS) e Linguagem, Cultura e Práticas Educativa. É também curadora do Café com Paulo Freire (Solar da Paz, em Niterói/RJ).